

***PELAS MÃOS DOS CURIOSOS – LIVROS  
DE POETAS NA BAHIA SETECENTISTA***

*THROUGH THE HANDS OF THE CURIOUS - BOOKS OF POETS IN 17TH CENTURY  
BAHIA*

**Adma Muhana**

Professora associada de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP)  
adma@usp.br

Submissão: 12 de novembro de 2020.

Aprovação 17 de novembro de 2020

RESUMO: Trata-se de um comentário crítico acerca do fragmento manuscrito intitulado “Cathalogo dos Poetas que floreceraõ na Cidade da Bahia”. O documento foi enviado de Salvador, em 1738, pelo padre Plácido Nunes a d. Francisco de Almeida Mascarenhas, membro da Academia Real da História Portuguesa, o qual, em Lisboa, elaborava uma *Biblioteca Hispana e Lusitana*.

Palavras-chave: poesia luso-brasileira, catálogo de escritores, códices manuscritos.

ABSTRACT: This text is a critical commentary concerning the manuscript entitled “Catalog of poets who flourished in the city of Bahia”. This document was sent to Salvador in 1738 by the priest Plácido Nunes a d. Francisco de Almeida Mascarenhas, a member of the Royal Academy of Portuguese History, which, at Lisbon, was elaborating a *Hispanic and Lusitan Library*.

Keywords: Luso-Brazilian poetry, catalog of writers, manuscript codices.

## 1. A *Academia Real da História Portuguesa Eclesiástica, e Secular* e os escritores das províncias

O primeiro intuito da Academia Real da História Portuguesa – fundada em 1720 durante o reinado de d. João V – foi a redação de uma História eclesiástica, alargada para o de uma História Portuguesa *lato sensu*, conforme a proposição firmada pelo Rei:

Tenho resoluto que se estabeleça hua Academia em que se escreva a Historia Ecclesiastica destes Reynos, e depois tudo o que pertencer a toda a Historia delles, e de suas Conquistas; e porque as noticias necessarias não se acharão só nos livros impressos, e manuscritos, mas estarão nos Archivos: ordenarey por cartas firmadas da minha Real mão se participem à Academia todos os papeis, que delles se pedirem.<sup>1</sup>

Para tanto, além dos cinquenta “acadêmicos do número da Academia”, designaram-se acadêmicos supranumerários, colaboradores nas províncias e nos territórios ultramarinos, que pudessem transmitir à Academia informações fidedignas acerca de documentos, testemunhos, livros, bibliotecas, escritores – e, ocasionalmente, plantas, rochas, animais, edifícios, milagres etc. –, encontrados nos diversos domínios portugueses. Não só informações eram transmitidas, como também cópias dos próprios livros, manuscritos ou documentos. De posse desses arquivos, caberia aos acadêmicos abalizar o registro do passado português para a posteridade. Por exemplo, a Manuel Caetano de Sousa, principal

---

1. *Colecção dos documentos estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*, Lisboa: off. de Pascoal da Sylva, vol. 1, 1721, s/p.

entre os Acadêmicos, além da redação em língua latina da História Eclesiástica de Lisboa, cabia também escrever acerca das Vidas dos Papas, Cardeais e Bispos que tiveram diocese fora de Portugal; a Pedro Monteiro, da Ordem dos Pregadores, as Memórias em língua portuguesa para a História da Inquisição; no que diz respeito à História secular, Lourenço Botelho Sottomayor estava designado para compor em português as memórias para a história das antiguidades de Portugal até a conquista dos Romanos; a Diogo Barbosa Machado, que depois realizaria o grande projeto da *Bibliotheca Lusitana*, cabia compor “na língua portuguesa as memorias d’ElRey Dom Sebastião até a Aclamação”; a História da própria Academia seria composta pelo Conde de Villamayor etc.<sup>1</sup>

É nesse sentido que podemos constatar o esforço da Academia Real para a elaboração de um catálogo geral de Autores portugueses, eclesiásticos e seculares. As notícias de que dispomos deixam entrever um difícil desenvolvimento dessa empresa, para a qual outros igualmente trabalharam. Um dos mais importantes, não há dúvida, foi d. Francisco de Almeida Mascarenhas, que, eleito em 1728 como responsável pela redação da “Disciplina, e Ritos eclesiásticos”,<sup>2</sup> logo se dedicou a recolher dados para a composição de uma *Biblioteca Hispana e Lusitana*, tarefa que compartilhou com acadêmicos e bibliotecários espanhóis.<sup>3</sup> Por ocasião da sua morte, em 1745, d. Francisco de Almeida havia coletado um grande número de informações, como o demonstra o catálogo da sua livraria particular.<sup>4</sup> Vários códices da Biblioteca Nacional de Portugal referentes a esse assunto trazem correspondência de d. Francisco com diversos personagens do Reino e das Províncias, no sentido de obter informações acerca de escritores e obras existentes nas respectivas localidades, as quais lhe são remetidas principalmente entre os anos de 1736 e 1740. Muitos verbetes de autores por ele recolhidos estão presentes no quarto e último tomo da *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, publicada em 1759. De que modo o espólio da *Biblioteca Hispana e Lusitana* de d. Francisco de Almeida se transferiu para a de Barbosa Machado, não sabemos; no prólogo da obra, embora mencione diversos antecessores, Barbosa Machado não nomeia a d. Francisco e apenas nesse último tomo,

---

1. No primeiro volume da *Colecção dos documentos...*, op.cit., no capítulo intitulado “Reflexoens sobre o estudo academico”, s/p.

2. Ocupando o lugar vago por falecimento de Fr. Miguel de Santa Maria, cronista dos Eremitas de Santo Agostinho. Ver *Livro Primeyro em que se haõ de lançar o decreto de Sua Magestade da Instituição da Academia, os seus Estatutos, e todas as ordens, e resoluçoens do mesmo Senhor...* Academia Real da História Portuguesa. ms. BNP, cód. 684, fl. 28v.

3. No *Elogio do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Francisco de Almeida Mascarenhas*, publicado no ano da sua morte (1745), Francisco José Freire registra a colaboração de d. Francisco com escritores espanhóis encarregados de ampliar a Biblioteca de autores espanhóis: “como D. Braz Antonio Nazarre e Ferriz, I. Bibliothecario de ElRey Catholico, e o Addicionador do Epitome da Bibliotheca Oriental, e Occidental de Pinello, communicando a este particulares noticias para o addicionamento, e áquelle copiosissimos soccorros para a Bibliotheca Universal da Polygrafia Hespanhola, que escreveo D. Christovão Rodrigues”, p. 29. Vertb. p. 54.

4. No mesmo *Elogio*, entre os manuscritos de d. Francisco de Almeida, Francisco José Freire cita a *Bibliotheca Hispana, e Lusitana*, afirmando que “passão de 40 os volumes de memórias para esta Obra” (p. 50). No *Catalogo da Livraria que ficou por fallecimento do Excelentis. e Reverend. Senhor Principal D. Francisco de Almeyda Mascarenhas* (publicado sem data nem local de impressão), na estante dos manuscritos in fôlio (às pp. 254-255), constam ao menos 5 tomos que inequivocamente pertenceriam à *Bibliotheca Hispana e Lusitana* de d. Francisco. Para um estudo acerca dessa livraria, ver Manuela Domingos, “Erudição no tempo joanino: a Livraria de D. Francisco de Almeida”. *Leituras – Revista da Biblioteca Nacional* (Lisboa), série 3, n. 9-10, out. 2001- out. 2002, pp.190-219.

completando as informações já registradas no segundo tomo, Barbosa Machado menciona a *Bibliotheca Hispana e Lusitana*, afirmando de d. Francisco que:

Para esta obra tinha collegido bastantes memorias, que me prometteo voluntariamente repetidas vezes para augmento da Bibliotheca Luzitana, que eu compunha, mas faltando a tantas promessas a publicamos independente deste auxilio.

Aliás, no *Elogio* já citado, Francisco José Freire não deixa de assinalar, que, antes de d. Francisco, Diogo Barbosa Machado “havia empreendido o mesmo assumpto”.<sup>1</sup> Mas de algum modo o auxílio de d. Francisco, após a sua morte, acabou por chegar a Barbosa Machado.

Um dos códices de d. Francisco, o de número 625, principia pelo escrito intitulado “Noticias de alguns Autores portuguezes assim de obras impressas, como manuscritas, de que vay fazendo remessa ao Illustríssimo Senhor Dom Francisco de Almeida seu fiel venerador [?] Francisco José da Serra Craesbeck de Carvalho”,<sup>2</sup> e em cuja folha inicial lemos anotações como: “Em Cathalogo de authores portuguezes fala Severim [de Faria]”,<sup>3</sup> “Da Bibliotheca Hispana, faz menção Jozé Soares da Sylva nas Memorias del Rey D. João o 1º”,<sup>4</sup> “Em catalogo de Escritores deste Reyno fala D. Francisco Melo nas suas Cartas familiares”,<sup>5</sup> “Em catalogo de mais de 4 # autores por Fr. Francisco de Jesus ver Bluteau”<sup>6</sup> e “Poetas Lusitanos que nomeou Lopo da Veiga Carpio no seu Laurel de Apolo”,<sup>7</sup> “Poetas que nomea no seu elogio dos poetas Lusitanos Jacinto Cordeiro”,<sup>8</sup> além de cópias de verbetes da ainda hoje inédita *Bibliotheca Lusitana* de João Franco Barreto etc. Essas menções são suficientes para mostrar o pleno conhecimento de d. Francisco de Almeida

---

1. Ver p. 29. Perto do fim do prólogo do primeiro volume da própria *Bibliotheca Lusitana* (1741, s/p.), Barbosa Machado data pontualmente a sua empresa, “ideada há mais de hum Seculo”: “Seguindo os vestigios de taõ grandes Varoens me animey em obsequio da Patria escrever a Bibliotheca Universal de todos os nossos Escritores abrindo os alicesses de taõ sublime edificio no faustissimo dia de 31 de Mayo de 1716, dedicadua amorosa vinda do Espirito Santo sobre o Collegio Apostolico”.

2. *Noticias de alguns autores portuguezes*, ms. BNP, códice 625, fl. 58.

3. *Discursos varios politicos*, na “Vida de João de Barros”.

4. José Soares da Silva foi encarregado pela Academia Real de escrever as *Memórias históricas do rei d. João I*, publicadas em 4 volumes, entre 1730 e 1734.

5. Francisco Manuel de Melo, *Cartas familiares*, ed. Maria da Conceição Morais Sarmento, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [1980], Carta Ao Dr. Manuel Temudo da Fonseca, Vigário geral do arcebispado de Lisboa: “procurei por mi mesmo, e despois persuadi a algumas pessoas doudas, publicássemos ua Bibliotheca Lusitana dos Autores Modernos, novamente estimulado da falta que padecemos nesta parte”, p. 412.

6. No prólogo do seu *Vocabulario Português e Latino*, o pe. Raphael Bluteau apresenta uma longa lista de autoridades em língua portuguesa das quais se valeu para a composição do seu dicionário. Não localizei, porém, menção ao catálogo de mais de quatro mil autores do fr. Francisco de Jesus; é possível que a referência se encontre em alguma outra das tantas obras do pe. Bluteau.

7. Lope de Veja Cárprio, *Laurel de Apolo*, Madrid: 1630.

8. Jacinto Cordeiro, *Elogio de Poetas lusitanos, al Fenix de España, Fr. Lope de Vega Carpio, en su Laurel de Apolo. Por el Alferes...*, con una carta en respuesta al Autor, del mismo Fenix de España. Dirigido a Doña Cecilia de Meneses. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1631. Recentemente, o *Elogio* de Jacinto Cordeiro foi reeditado com introdução e notas por Maria Lucília Gonçalves Pires (Porto: Afrontamento, 2017).

acerca de trabalhos prévios, em fontes impressas e manuscritas, bem como o intuito de conglomerá-los e acrescentá-los no escopo da *Bibliotheca* que compilava para a Academia Real da História Portuguesa – simultaneamente a Barbosa Machado, ao que tudo indica.

## 2. Os catálogos dos exemplos de excelência e os das bibliotecas

O recurso às listagens pré-existentes, contudo, não estabelece uma continuidade imediata entre o trabalho acadêmico e aquelas, que consistem em catálogos relativos a modelos de imitação; essas, presentes nas poéticas e retóricas gregas e latinas, longa vida tiveram até o século XVII, como exemplos de mestria. Nesses anteriores catálogos de escritores excelentes em seu gênero, a partir do viés poético-retórico, o que importa principalmente é ajuizar as virtudes dos escritores em termos de adequação ao gênero, estabelecendo a excelência e suas ultrapassagens, de modo a que sirvam de *exemplum* para os pósteros. São as vidas de homens ilustres, são as hagiografias, são os livros de escritores eclesiásticos, os catálogos de pintores e poetas. A memória das excelências há de ser fixada, omitindo-se, isto é, relegando-se ao esquecimento, aquilo que não seja digno de perseverar. Aí, os autores são sempre autoridades, paradigmas em seus gêneros, modelos a serem imitados pelos que se dedicam à oratória, à história, à escrita e às diversas artes.<sup>1</sup> Embora, no caso específico da Poesia, os critérios de inclusão no Parnaso não sejam claros,<sup>2</sup> é certo que o catálogo dos melhores é constitutivo da arte, fornecendo os modelos a emular e as advertências acerca do que fugir. O afastamento ou aproximação ao modelo de excelência em cada gênero garantia a excelência da obra a ser registrada, para os contemporâneos e os pósteros, pela similitude das qualidades, pela eleição apropriada, pelo decoro relativo às circunstâncias etc.<sup>3</sup> Toda a discussão quinhentista acerca da imitação de um ou de vários modelos, com efeito, passa por essa noção do paradigma. Claro que aqui transitamos por conceitos poético-retóricos epidícticos, na vertente do elogio, o que não significa que esqueçamos os índices de livros e de autores proibidos, paradigmas do erro e *contra-exemplum* dos piores, como no *Catalogo dos Livros Defesos nos Reynos de Portugal*, de 1581, em que, além de uma centena de livros nomeados por seus títulos ou autores, proscribe-se

---

1. O caso das “bibliotecas univesais” foge a esse esquema, apresentando já uma listagem exaustiva de autores portugueses, com informações bio- e bibliográficas. Assim a ainda inédita *Bibliotheca Lusitana* de João Franco Barreto, anterior a 1674, e o igualmente inédito *Theatrum Lusitaniae litterarium sive Bibliotheca scriptorum omnium* (1655), de José Soares de Sousa.

2. Como já assinalou José Adriano de F. Carvalho – “La formación del Parnaso portugués en el siglo XVII. Elogio, crítica e imitación”, *Bulletin hispanique*, t. 109, n° 2, déc. 2007, pp. 473-509. Université Michel de Montaigne, Bordeaux – os critérios de eleição dos poetas pelos diversos autores são tudo, menos claros.

3. Neste sentido, não se há de pôr em dúvida que a exemplaridade possa ser critério para o registro dos poetas em antologias como a *Fenix renascida*, como supõe J. A. Carvalho no artigo supracitado (p.476): “Esta tan aleatoria selección ¿podrá significar que las obras de estos poetas, como insinuaba Pereira da Silva sobre los que publicó, deberían «manifestar-se ao mundo ou para exemplo ou para imitação»? Globalmente, las limitadas fuentes que utilizamos, no lo sugieren, pero, cuando existan, los comentarios sobre la ejemplaridad y «imitabilidad» de la obra de un poeta o una obra suya en particular puede que, al presentarla como modelo, se revelen un buen criterio para confirmar otros elogios y/o aprobaciones”.

“todos os Liuros, *que* aqui não estão prohibidos neste Rol, & o *deuem* ser”...<sup>1</sup>

Na catalogação da Academia Real, por sua vez, não se trata de catalogar escritores excelentes ou proscritos: o que importa é o registro exaustivo do conjunto dos escritores em seu maior número, independentemente de serem ou não julgados superiores, e de suas produções abrangerem categorias diversificadas em termos de gênero. O intento de composição de bibliotecas universais remonta, até onde sabemos, à *Bibliotheca Universalis sive Catalogus omnium scriptorum locupletissimus*, de Consad Gesner, editada em 1545, em Zurique, (cuja *tabula* de matérias serve de paradigma, sucessivamente acrescido, para as demais Bibliotecas<sup>2</sup>). Na França, a *Bibliographia Gallica universalis* (1646), de Louis-Jacob de Saint-Charles, pretende catalogar “todos os livros do reino da Gália”. Cada uma e muitas outras com seus critérios, em Espanha, a conhecida *Epítome de la biblioteca oriental, i occidental, náutica y geográfica* de Antonio de León Pinelo (Madrid, 1629), primeiramente visa a arrolar “escritores de geografia”; somente na sua ampliação feita em 1737-38 por Andrés Gonzalez de Barcia – um dos fundadores da Real Academia Española e correspondente de d. Francisco de Almeida –, a obra se integra num conceito amplo de biblioteca de autores espanhóis. Aqui, como na *Bibliotheca Hispana e Lusitana* de d. Francisco de Almeida, a recolha dos autores e de seus escritos derivam do desiderato de uma Academia de cunho Real. Quer dizer, os escritores que ali comparecem, exibindo maior ou menor técnica, maior ou menor excelência, se apresentam todos como partes constitutivas da Monarquia, de cuja reunião ela mesma se incumbiu. Ou, como define Diogo Ramada Curto, analisando o “Cathalogo dos Poetas que floreceraõ na Cidade da Bahia”<sup>3</sup> (que comentaremos adiante), o conjunto de escritores aí listados representa

um grupo com características fundamentalmente nobiliárquico-eclesiásticas. O ideal de nobreza que nele se projeta supõe a existência de hierarquias estatutárias (dos grandes servidores da Coroa e membros da Academia Real, dos nobres com foro de fidalgo aos que eram apenas considerados pessoas nobres, sem esquecer os que tinham servido na Câmara ou em postos militares), bem como de solidariedades familiares. Porém existe nesse mesmo ideal uma concepção de elite alargada, concebida a partir de cima, isto é, da fidelidade ao rei e à monarquia.<sup>4</sup>

1. Cf. Sá, Artur Moreira de. Índice dos livros proibidos em Portugal no século XVI. Lisboa: Inic, 1983, p. 604.

2. I. De grammatica et philologia II. De dialectica III. De rhetorica IV. De poetica V. De arithmetica VI. De geometria VII. De musica VIII. De astronomia. IX. De astrologia X. De divinatione cum licita tum illicita et magia XI. De geographia XII. De historiis XIII. De diversis artibus illiteratis, mechanicis et aliis humanae vitae utilibus XIV. De naturali philosophia XV. De prima philosophia seu metaphysica et theologia gentilium XVI. De morali philosophia XVII. De oeconomica philosophia XVIII. De re politica, id est civili et militari XIX. De iurisprudencia indices tres XX. De re medica XXI. De theologia christiana.

3. *Documentos com informação biobibliográfica de autores religiosos portugueses*, código 908 da BNP, fls. 333-336v.

4. “Cultura letrada no século do Barroco (1580-1720)”. In: João Luís Ribeiro Fragoso; Maria de Fátima Gouvêa (orgs.). *O Brasil Colonial* [recurso eletrônico]: vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, cap. 8. Todavia, avaliar a “configuração cultural” da Bahia do início do Setecentos a partir dessa listagem de 39 escritores, independentemente dos possíveis critérios da Academia Real, parece conduzir a conclusões precipitadas. Por exemplo: Ramada Curto diz que “a grande maioria [dos escritores da Bahia] dedicou-se única e exclusivamente à prática da poesia”, sem atentar que o título do “Cathalogo” já delimita a poesia como o grande gênero a partir do qual os escritores deste catálogo são escolhidos. Igualmente, interpretar

É certo que grande parte dos testemunhos enviados a d. Francisco pelos seus informantes nas províncias refere-se a autores eclesiásticos – tanto por ser o fito primeiro da Academia a redação de uma história eclesiástica, como por serem as ordens religiosas as que ainda acolhem a maior parte dos letrados, que produzem obras, e também as que mantêm arquivos junto com a administração real. Porém, esses testemunhos já não se restringem aos reduzidos catálogos de Ordens Religiosas, ou os de homens ilustres por sua santidade, ou os que enaltecem uma cidade, ou os de suas donas virtuosas, ou os dos mais destacados em um campo do saber ou de atuação (filósofos, poetas, generais), já amplamente estabelecidos como subgênero epidítico de *exempla* para seus pares, como foi dito. Eles abrangem, como no caso das listas do Brasil, nomes de escritores seculares e poetas, ilustres ou deslustrados. E, desses, como dos religiosos e dos demais escritores, cabe apenas fornecer as notícias que interessam a uma lista específica de *topoi personarum*: nome; pais; local de nascimento; ofício; data de profissão, quando religioso; data de falecimento; título das obras escritas; testemunho de se estão impressas (neste caso, em que formato), ou manuscritas (e, neste caso, quem detém a sua posse). Claro está que um ou outro sintagma elogioso acompanha a descrição de certos famosos escritores – como o notável Antônio Vieira – e que sempre haja dúvidas acerca de quem deve comparecer no rol.

Assim ocorre no “Cathalogo dos Poetas que florecerão na Cidade da *Bahia*”, que compreende os derradeiros fólhos do códice 908 da Biblioteca Nacional de Portugal, transcrito ao final deste artigo. O “Cathalogo” foi enviado a d. Francisco de Almeida pelo pe. Plácido Nunes,<sup>1</sup> em 1738, o qual se sente instado em classificar os poetas catalogados entre os Aprovados e os Reprovados.<sup>2</sup> Persistindo num “ultrapassado” critério de gênero (no caso, o poético), acha por bem rotular como Reprovados o historiador Sebastião da Rocha Pitta e o autor do *Peregrino da América*, Nuno Marques Pereira, entre outros; e como poetas Aprovados, por sua vez, Bernardo Vieira Ravasco, Manuel Botelho de Oliveira, os irmãos Gregório, Eusébio e Pedro de Mattos, Gonçalo Soares da Franca etc. Porém, uma vez que a visada acadêmica é enciclopédica, e que seu alvo é a busca detalhada de notícias a compor os verbetes dos autores, ela engloba todos aqueles acerca dos quais há memória de terem produzido escritos, os quais, por definição, devem ser incluídos; apesar disso, na triagem metropolitana da monumental *Bibliotheca Lusitana*, por exemplo, verifica-se a ausência de muitos deles, façam ou não parte de uma “elite letrada” da colônia. Acrescente-se que, talvez, o pedido de informações bibliográficas aos acadêmicos supranumerários – cujos termos desconhecemos – não houvesse sido muito claro acerca do que se devia entender por uma biblioteca “lusitana”,<sup>3</sup> deixando o pe. Plácido Nunes hesitante quanto

---

“como sinal da sua marginalização” a não explicitação por parte do autor do “Cathalogo” da segunda edição, de 1731, do *Peregrino da América* (19 ed., 1728) parece desconsiderar a hipótese de mero desconhecimento dessa impressão. Mas, principalmente, talvez fosse necessário matizar a ênfase numa cultura letrada “nobiliárquico-eclesiástica” a partir desse “Cathalogo”, quando, dos 39 referidos, apenas cinco são ditos “fidalgos” e mais sete referidos genericamente como “pessoas nobres”.

1. O padre Plácido Nunes (1683-1755), jesuíta, nasceu em Lisboa e morreu em Salvador da Bahia. Foi reitor do Colégio de Olinda e, depois, do Colégio da Bahia. Orador sacro, foi considerado um dos maiores pregadores do seu tempo.

2. Códice 908, op. cit., fl.148.

3. No “Sytema da Historia Eccleziastica, e secular de Portugal, que hade escrever a Academia Real da Historia Portuguesa”, no duodécimo título aparece uma visada abrangente, em que se recomenda ao historiador real “fazer Memorias distinctas dos varões illustres em virtude, ou em letras, ou em dignidades Eccleziasticas, que por algum titulo pertenção a Diocesi; e aqui haõ de entrar os Prelados

ao correto desempenho da honrosa tarefa de que foi incumbido pela Academia.

O certo é que, seja nas listas de autores do Brasil, seja nos da Índia, por exemplo, encontramos correspondentes que elaboram seus róis de autores, excelentes ou nem tanto, a partir de critérios díspares: em alguns, o destaque vai para a ordem religiosa a que o autor pertence, independentemente do local de nascimento; em outros, o destaque vai para a “pátria”, sendo referidos apenas aqueles que nasceram no lugar; outros ainda arrolam todos aqueles de que têm conhecimento de que, durante sua estada no lugar, produziram escritos. Assim é que, no “Cathalogo dos Escritores da Companhia de Jesus da Província do Brasil”,<sup>1</sup> no mesmo códice 908, constam, além de Antônio Vieira e Alexandre de Gusmão, os padres jesuítas Antonio Maria Bonnucci, João António Andreoni, José de Anchieta e Valentim Estancel, os quais, embora originários de outros territórios e súditos de outras monarquias, atuaram na Província do Brasil e, portanto, compõem como fazendo parte da sua província religiosa. Já Pedro da Silva Alva, na sua “Noticia dos autores naturais da Índia dos domínios dos Reino de Portugal”, no mesmo códice 908, faz questão de salientar:

Adverti *que* nos interrogatorios remettidos se desejaõ noticias dos AA naturaes do Reino e suas conquistas; porem não se pedem dos AA naturaes do Reino *que* compuserão na India, e assim so remetto as *noticias* dos AA naturaes, oufilhos da India.<sup>2</sup>

Os conjuntos da religião, da nação de origem e do território de atuação se interceptam, mesclando incertezas e incompletudes a vertigens,<sup>3</sup> havendo sempre alguns nomes que, por diversas razões, acabam por se ausentar de todos eles.

O “Cathalogo dos Poetas que florecerão na Cidade da *Bahia*” (que lista 39 poetas, ao todo) também é inteiramente preenchido com escritores naturais dela ou do seu Recôncavo. O critério espacial não é desprovido de importância: na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado ele circunscreve, em termos de centro e circunferência, os territórios que gravitam em torno de Lisboa – os da África, da América e da Ásia –, aparentemente des-hierarquizados entre si no aleatório critério alfabético. Mas, com isso, a *Bibliotheca Lusitana* acaba por exibir aqueles territórios como componentes que amplificam o, sem eles, pequeno reino de Portugal. É essa mesma imagem que rege o discurso do historiador Sebastião da Rocha Pita, ao presidir em 7 de maio de 1724 à 2ª Conferência da Academia dos Esquecidos: depois de percorrer em ordem da conquista marítima os domínios portugueses na África, na Ásia e na América, sumariza a geografia do Reino como aquela em que serve “o Orbe todo de Base ao Trono do Augustíssimo Senhor Rei Dom João V, de firmeza, e extensão à sua dilatadíssima Monarquia”.<sup>4</sup> A uma dilatada monarquia, é certo,

---

naturaes della, que o tiverem sido de outra, ou dentro, ou fora do Reyno ainda que fossem somente Titulares”, *Livro Primeyro*, op. cit., fl. 41v.

1. Códice 908 da BNP, op.cit., fls.150-161.

2. Idem, fl.194v.

3. Aludo, evidentemente, a um dos últimos livros de Umberto Eco, *Vertigine della Lista* (2009), em que o autor discute a noção de classificação e de critérios classificatórios, seja no que diz respeito aos reinos naturais, seja em relação a instituições como museus e bibliotecas, por exemplo.

4. José Aderaldo Castello, *O Movimento academicista no Brasil. 1641-1820*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969-1978. 14 tomos. Vol. I, tomo I, p.140.

corresponde uma *Biblioteca* que se imperializa ao aglutinar os escritores das Províncias extracontinentais, territórios descontínuos mas constituintes do Reino de que pendem.<sup>1</sup>

Assim, a recolha de nomes para a Academia Real da História Portuguesa pelo critério espacial fixa para a memória o contorno de um conjunto específico de escritores, qual seja, o dos nascidos no lugar – crioulos de primeira, segunda ou terceira geração e mestiços –, os quais em breve formularão movimentos de autonomia e intentarão suas próprias histórias literárias. Com efeito, na segunda metade do século XVIII, os naturais do Estado do Brasil ou do vice-reino da Índia, ou os que aí escrevem – já visibilizados nas listagens de autores de uma *Bibliotheca Lusitana*, onde se encontram dispostos nos índices por gêneros de escrita, mas também por territórios de naturalidade –, podem se reconhecer como constituindo um novo conjunto, e, no caso do Brasil, ao menos, um conjunto autônomo e dissociado da lusitana monarquia.<sup>2</sup>

### 3. Os manuscritos no “Cathalogo dos Poetas que floreceraõ na Cidade daBahia”

Mas foi antes disso – antes da Revolução Francesa, antes da extinção da Companhia de Jesus, antes mesmo do Terremoto de Lisboa –, em maio de 1737, que o provincial dos jesuítas na Bahia, o pe. Miguel da Costa, recebeu carta de d. Francisco de Almeida para “para se fazer a diligencia dos escritores assim da Companhia nesta provincia, como de alguns seculares neste Brazil”. Como está de partida para a Corte, o pe. Miguel transfere a diligência ao seu sucessor, o pe. João Pereira, não sem antes relatar a d. Francisco a tragédia sucedida diante dos olhos de todos na cidade do Salvador da Bahia, com perda de homens, livros e cartas:

Toda esta Bahia fica sumamente consternada com a fatal desgraça que succedeu à nau da India; chegou ella a este porto aos 9 de Mayo, e no mesmo dia de noite deu fundo no seu surgidouro; pellas 6 horas da manham seguinte salvou as fortalezas desta Cidade, a que respondeu o forte do mar e todos os navios que aqui se achavão: em fim todos nos alegramos com a sua feliz chegada; porem toda esta nossa alegria se converteu em pranto, e sentimento; quando logo as 7 horas da mesma manham a vimos arder em chamas de fogo tão violento que por nehum caminho se pode atalhar; procedido de hum de seus do que ouve na praça de armas. Morreraõ muitas pessoas nesta desgraça, livros queimados do fogo, e outros afogados no mar. A nau foi encalhar na praya visin ha aonde ardeu toda a noite, e tudo se reduzio a cinzas com nottavel perda de todos os interessados na sua importante carga. Athe as vias das cartas se queimáraõ. O capitão da nau escapou com vida lançandosse em seroillas, e camiza, e com o habito de Christo ao pescoço ao mar em demanda de hum batel que estava do largo; e nesta forma escaparão outros muitos, que nessa Corte contarão as mais circumstancias desta lamentavel desgraça.<sup>3</sup>

1. Como termo de comparação, na *Bibliotheca Lusitana* de João Franco Barreto apenas consta uma meia dúzia de escritores que têm por “pátria” África, Brasil, Goa e Índia, sem que haja qualquer destaque entre esses locais de nascimento e aqueles continentais, indicados como Beja, Évora, Algarve etc.

2. Remeto ao estudo de I. Kantor, *Esquecidos e renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana. 1724-1759*. São Paulo: Hucitec; Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBa, 2004, *passim*.

3. Códice 908 da BNP, op.cit., fl. 300.

Nesse mesmo mês, o pe. João Pereira informa a d. Francisco de Almeida que encomendou a diligência sobre os autores do Brasil a dois sujeitos muito capazes. Por carta do pe. Plácido Nunes, reitor do Colégio da Bahia, em junho do ano seguinte, sabemos que a incumbência foi distribuída a um “religioso nosso” (o próprio pe. Plácido Nunes, portanto), que ficou responsável pelo catálogo dos escritores da Companhia, e a um poeta da cidade (que vem a ser Luís Canelo de Noronha, membro da extinta Academia dos Esquecidos), ao qual se deu o encargo de listar os poetas seculares. No ano seguinte, em outubro de 1739, o mesmo pe. Plácido Nunes envia a d. Francisco algumas notícias de escritos à mão que julga poder interessar-lhe, bem como alguns dos próprios manuscritos. Estão nesse caso dois extensos poemas latinos do pe. Prudêncio Amaral: um, famoso, sobre a fabricação do açúcar, que será impresso apenas em 1780,<sup>1</sup> e, outro, sobre a “Arte de amar a déipara”, com emblemas, que ficara incompleto por morte do seu autor e, até onde sei, de paradeiro desconhecido. Pelo que se compreende da carta do pe. Nunes quando da remessa dos manuscritos a d. Francisco (depois de já lhe ter enviado o catálogo dos escritores da Companhia), era equivocada a solicitação do acadêmico acerca de um pretense poema do pe. Prudêncio Amaral relativo às frutas do Brasil, não obstante o que deixara escrito já fosse suficiente para inscrevê-lo no coro dos grandes poetas:

Estimo *que* o Catalogo dos escritores fosse a gosto de *Vossa Excellencia*. No que toca aos *Manuscritos* remetto a *Vossa Excellencia* os que julguei dignos de attençaõ. Poucos são, *bem* o vejo; mas irã contra o clima do Paiz, donde he natural a Preguiça, quem destes *engenhos* quizer mais. *Certamente que* por ca mais se obra, do *que* se escreve. Vay a poezia do P. Prudencio d’Amaral, não das frutas do Brazil, como *Vossa Excellencia* dizia, mas de Opificio Sacchari. Nella verã *Vossa Excellencia hum* pequeno rasgo da precioza tela *que* trajava aquella nobre Muza. Observará huma Latinidade pura, tersa, e casta: os numeros naturaes, e sem affectação; varios e com decencia. Não acharã *Vossa Excellencia* talvez a *magestade* de Virgilio; mas nem por esta faltar ao Epico de Barclayo, de Grocio, Heinsio, Barleo, e tão bem de nosso P. Rapin, deixaraõ estes de se fazer hum illustre lugar no choro dos Poetas. Ja a argucia do P. Prudencio he tão propria sua, *que* em nenhum outro poeta a acharã *Vossa Excellencia* igual. Nessa mesma poezia, que remetto, se lhe está vendo esta como cair por entre os dedos. O seu *Ars amandi* Deiparam se chegasse a ter a ultima mão de seu author *certamente* faria murchar todos os Louros e myrtos, *que* athe agora coroaõ o Parnazo Mariano. Constava este de 7. estimulos *para* amar a *Senhora* e na fachada de cada hum delles se via hum emblema engenhozissimo. Passava ja esta obra de sette mil versos. Hum dos estimulos era a Conceição da *Senhora* e *para* este sey eu *que* tinha o *Padre* talhado peças tão finas, *que* poderia ser a mayor gala daquelle mysterio.<sup>2</sup>

Outros muitos escritos à mão de padres da Companhia são referidos, de matéria tanto teológica como poética: um tratado *De Merito*, do pe. Eusébio de Mattos; um tratado *De Fide*, do pe. Antonio Barbosa; um conjunto de poesias do pe. Andreoni, intitulado *Pia Hilaria*; um tomo de epigramas intitulado *Jocoseria* do pe. Valentim Estancel; cursos de Filosofia e Teologia de outros autores, além de, pelo menos, duas obras que prolongavam as do pe. Antônio Vieira, seja na elocução, seja na invenção: os sermões do seu antigo escrevente, pe. Ângelo dos Reis, falecido em 1723, e um tratado do pe. João Matheos

1. Prudêncio Amaral, S.J. *De sacchari opificio carmen*. Pisauri: Ex Typographia Amatina, 1780. Ver também Serafim Leite, *Geórgicas brasileiras. Verbum* [Separata]. Rio de Janeiro, t. 3, fasc. 1, mar. 1946 e *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil*, Braga, s/d, p. 227. Guilherme Amaral Luz publicou um belo artigo sobre o autor: “A *oikonomia* do engenho ou o engenho da *polis* cristã: Prudêncio Amaral, Antonil e o açúcar”, *Revista do Centro de Estudos Portugueses* 28 (40), 81-94, 2009. Belo Horizonte.

2. *Documentos com Informação Bibliográfica de Autores Portugueses*, ms. BNP, cod. 7187, fl.19-19v.

Faletti, “no qual apoiava a opinião do grande Pe. Antonio Vieyra no famoso livro do Clavis Prophetarum”.<sup>1</sup> Muito haveria o que dizer de cada um deles. Uns foram comidos por cupins, outros naufragaram com as naus que os levavam, outros ainda esperam em arquivos quem deles se lembre, outros permanecem em curso de publicação. O tempo dos papéis só a eles pertence.

Também no catálogo dos poetas, os “que floresceraõ na cidade da Bahia”, a maior parte se refere a obras manuscritas, quer em prosa, quer em verso, que andavam nas mãos dos curiosos. Como aponta Ramada Curto,

Se a cultura escrita evocada no catálogo enviado da Bahia para Lisboa era predominantemente manuscrita - com casos de autêntico sucesso do ponto de vista da circulação das obras, como o que é atribuído a Gregório de Matos -, alguns casos existem de referência às obras “já impressas”. De fato, são 11 os autores a quem são atribuídas obras reproduzidas pela impressão tipográfica.<sup>2</sup>

Dos que conhece impressos, o catalogador Luís Canelo de Noronha cita *Música do Parnaso*, de Manuel Botelho; *História do Brasil*, de Rocha Pita; *Poema festivo e Aplausos natalícios*, de João de Brito e Lima; alguns sermões do pe. Antônio Oliveira; *Peregrino da América*, de Nuno Marques da Silva [*sic*], e algumas obras em versos de Tomé Monteiro de Faria, André de Figueiredo Mascarenhas e Manoel Ferreira da Luz. Como se vê, com exceção dos sonetos de louvor dispersos em livros de outros autores (como preâmbulos encomiásticos, certamente), apenas dois poetas mencionados no “Cathalogo” são identificados como tendo livros de poesia impressos. O primeiro, o advogado, vereador, capitão-mor e senhor de engenho Manuel Botelho de Oliveira, que editara em Portugal sua *Música do Parnaso* (1705); e o segundo, o também membro da Academia dos Esquecidos, João de Brito e Lima, que ali editou dois livros: *Aplausos Natalícios* (1718), em comemoração ao nascimento do neto do anterior vice-rei do Brasil, o Marquês do Angeja, e *Poema festivo* (1729), por ordem do rei, em que descreve das festas solenes ocorridas na Bahia pelas bodas das Princesas de Portugal e Castela.

As composições poéticas ou ficcionais de todos os demais 32 poetas que Luís Canelo arrola, essas, encontravam-se em papéis manuscritos nas mãos ou em poder de alguns que as apreciavam ou poderiam interceder por sua publicação no Reino. Embora houvesse várias tipografias atuando em Portugal (não no Brasil<sup>3</sup>), a maior parte delas pertencia a ordens religiosas, o que limitava a impressão de diversos gêneros de escritura e levava a que alguns interviessem no reino para favorecer a publicação impressa de escritores do Brasil, como fr. Apolinário da Conceição.<sup>4</sup> A censura inquisitorial encarregava-se de restringir

---

1. Idem, fl.20v.

2. Op. cit., s/p.

3. Sabe-se que no início do século XVIII em Recife, um comerciante desconhecido montou uma pequena prensa e imprimiu alguns sermões e letras de câmbio. Em 1747, o impressor português Antonio Isidoro da Fonseca publicou quatro trabalhos em sua oficina no Rio de Janeiro, com a permissão do governador Gomes Freire de Andrade. Mas no mesmo ano a oficina foi fechada e não há notícia de novas impressas no Brasil até a vinda da Família Real, em 1808.

4. Acerca do personagem, ver Federico Palomo, “Conexiones atlánticas: Fr. Apolinário da Conceição, la erudición religiosa y el mundo del impreso en Portugal y la América portuguesa durante el siglo XVIII”,

um pouco mais a impressão dos demais gêneros. Desse modo, os escritos de doutrina e aqueles destinados ao ensino teológico, filosófico e do Direito, bem como aqueles que, como oferta ou como louvor, podiam ostentar um nome de patrono (sempre em letras de fôrma maiores do que as do autor), muito mais facilmente chegavam à tipografia do que lirismos desatados, sem autoridade ou mecenas que os garantisse. Esses fatores condicionam as possibilidades de circulação impressa das obras e, queremos crer, operam para a aparência de “uma cultura fundada na escrita de poesias vulgares e nas obras de parenética”, no dizer de Ramada Curto.<sup>1</sup>

Tudo isso significa que, até essa primeira metade do século XVIII – das tantas poesias, ficções em prosa, novelas pastoris, livros de cavalaria e comédias escritas – um número reduzido era lido em letra de imprensa. O que não impede que o autor do “Cathalogo” conheça manuscritos e com seus títulos o poema *Brazilica* de Gonçalo Soares da Franca; uma comédia intitulada *La Creacion del Mundo*, de Manuel de Medeiros Maya; *Poemas heróicos* de João Borges; um poema em oitavas rimas da *Gloria do mundo sonhada*, de Francisco Frago de Ulhoa, e um livro de novelas em prosa e em verso de Jerônimo Rodrigues de Castro.

No entanto, não só o gênero de escritura favorece ou prejudica a possibilidade de impressão: no caso da poesia, é pela circulação manuscrita que sua transmissão se dá, preferentemente. Seu caráter manuscrito decorre, em parte, do fato de serem redigidas para um círculo definido de leitores, ou como exercícios retóricos, ou como prenda para alguma dama ou mecenas, em circunstâncias de tempo e espaço bem definidas, ou não havendo, ademais, quem banque sua impressão. No “Cathalogo”, são diversas as menções a poemas que foram compostos *para* a Academia que fundou o vice-rei Vasco César Fernandes de Menezes em 1724, vale dizer, a Academia dos Esquecidos, ou *para* a Academia de Diogo Pereira da Silva, filho do médico Manuel de Matos de Viveiros, da qual tudo ignoramos. Os volumes das atas da Academia dos Esquecidos mostram que a maior parte dos poetas catalogados por Luís Canelo aí atuaram, numa intensa e entusiasmada atividade letrada, sob os auspícios do vice-rei, que exibia seus feitos nas letras a par dos seus feitos nas armas. Por empenho dele, o registro da memória dos sem ele esquecidos. O terem sido concebidos para as circunstâncias específicas das academias nem desmerecem esses poemas, é claro, nem implica que não circulassem fora de seus muros. Circulavam em cópias que eram lidas de mão em mão pelos muito curiosos deles, sendo re-significados em seus sucessivos deslocamentos.

O princípio da sua recolha, sabemos, é o do florilégio ou antologia, conhecido desde a *Antologia grega*, pelo qual, em sua singular superioridade, poemas de diversos autores são coletados e reunidos a modo de um ramalhete – como a metáfora floral revela. A *Fênix Renascida*, impressa já na primeira metade do século XVIII, é em Portugal um exemplo maior desse tipo de coletânea, contemporânea desse catálogo de poetas que, a propósito, também *floresceram* na cidade do Salvador. Se lemos bem, na aparente penúria de informações do “Cathalogo” – compatível entretanto com os propósitos inventariantes da Academia Real –, para além das notícias das *vidas* dos poetas (pátria, país, ofício etc.), elas indicam o que importa saber acerca dos poemas antes das Luzes chamadas:

---

*Cuadernos de Historia Moderna*, 2014, Anejo XIII, 111-137 e Adma Muhana, “Memórias de escritores do Brasil na Academia Real da História Portuguesa”, *Teresa*. Revista de Literatura Brasileira [19], São Paulo, 2018, 115-132.

1. Op. cit., s/p.

seus gêneros (oitavas, décimas, loas, sonetos, romances); a língua em que foram escritos (latina ou vulgar); a ocasião (na Academia do vice-rei ou na de um enriquecido médico); se correm manuscritos, ou se foram impressos, e, neste caso, em que tamanho. E, neste “Cathalogo” encomendado pelo acadêmico d. Francisco, será menos a individualidade dos escritores como poetas que se salienta, mas o conjunto deles que atesta, em sua copiosidade e variedade, a excelência da terra do Brasil, com abundância de tabaco, açúcar, segurança, madeira, soldados e letrados:

As noticias que chegarão do Brasil com a nao Concordia consistem, em que todo aquelle Paiz se acha abundante de tudo; e que houvera nelle grande safra de assucar, e tabaco; que a Costa se acha livre de piratas, [...] que huma [nao] que desta Cidade partio para a India, em Abril de 1724, tinha arribado àquella Bahia, donde partira a 18 de Novembro para a India bem preparada, e com mayor numero de Soldados, do que havia levado daqui; que a nao Franceza da Companhia Real que hia para a China, arribára tambem à mesma Bahia, e proseguira a sua viagem muito bem concertada em 8 de Setembro, e que a nova Academia da Historia, que tinha instituido o anno passado, na Cidade de S. Salvador o Vice-Rey Vasco Fernandes Cesar de Menezes, florescia muito, e dava esperanças de produzir hum notavel fruto.<sup>1</sup>

Manuscritas estiveram, assim, as poesias de Bernardo Vieira Ravasco, o primeiro poeta do “Cathalogo”, de cujas muitas obras em verso só conhecemos hoje as oitavas *Saudades de Lydia e Armido*;<sup>2</sup> manuscritos ficaram também os versos e sentenças de Eusébio de Matos, embora impressos diversos seus sermões; manuscrito o poema *Brasília*,<sup>3</sup> do supranumerário Acadêmico Real, Gonçalo Soares da Franca, e só recentemente editados alguns poemas seus; manuscritas as obras vulgares de toda a variedade e com muito gênero de erudição do pe. João Álvares Soares, o qual imprimiu não obstante um sermão e um avultado *Progymnasma literário*, oferecido a d. João V;<sup>4</sup> manuscritos o poema heróico *A Cesarea*, que João de Brito e Lima compôs em homenagem a Vasco César de Meneses e as *Pompas funeraes* que descreveram as exéquias feitas na cidade da Bahia e seu recôncavo à mãe do vice-rei; manuscritos os poemas do próprio catalogador Luís Canelo de Noronha<sup>5</sup> – que o pe. Plácido Nunes, com uma nota de demérito, nomeia tão-somente “versificador”;

1. *Gazeta de Lisboa*, por Jozé Freyre Monterroyo Mascarenhas. Lisboa: na Officina Pascoal da Sylva, 1715-1833. Ano de 1725, 24 de Maio, n. 21, p.167-8.

2. Cf. *Saudades de Lydia e Armido, Compostas por Bernardo Vieira e Ravasco*, ms incompleto da BNP, ms. 254 n. 3; e, para uma versão estendida, Marcelo Lachat, *A lírica amorosa seiscentista: poesia de amor agudo*. Tese de doutorado, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Literatura Portuguesa. FFLCH-USP, São Paulo, 2013, pp. 225-279.

3. Cf. Francisco Topa, *Um G(Onç)Alo Renascido: Poesia inédita do brasílico Gonçalo Soares da Franca*. Porto: Spc - Sombra Pela Cintura, 2012.

4. *Sermaõ da Gloriosa S. Anna Mãe de Maria SS. Senhora Nossa, na festa, que lhe consagraõ os moedeiros na Cathedral da Cidade da Bahia...* Joaõ Alvares Soares, Sacerdote do Habito de S. Pedro Lisboa Oriental: na Officina Augustinianna, 1733; e *Progymnasma Literario, e Thesouro de erudiçam Sagrada, e Humana, para enriquecer o animo das prendas, e a Alma das virtudes...* por Joaõ Alvares Soares, Sacerdote Phylosopho, Graduado e Theologo nos Estudos Geraes do Collegio da Companhia de Jesus na Baía : Tomo I. que contem setenta e dous discursos Morais, Politicos, Academicos, Doutrinaes, Asceticos, e Predicaveis, dispostos pelas letras do Alfabeto até a letra C. Lisboa Occidental: na Officina da Musica de Theotonio Antunes Lima, Im- pressor da Sagrada Religiaõ de Malta, debaxo da protecção dos Patriarcas S. Domingos, e S. Francisco, 1737.

5. Há de Nelson Atilio Ubiali uma tese de doutorado acerca do poeta, que não pude consultar: *Luís Canelo de Noronha, poeta novilatino, no contexto do ‘corpus’ da Academia Brasília dos Esquecidos (Bahia – 1724/1725)*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 1995, 3 vols.

manuscritos os bailes do carmelita fr. Agostinho; as obras de arte menor de José Pereira Manójo; os poemas heróicos de João Borges; e, até o século XIX, os versos vulgares do poeta engenhoso e satírico Gregório de Mattos.<sup>1</sup> Dado que muitos desses poetas do “Cathalogo” têm poemas assinados na Academia dos Esquecidos, um trabalho de extração poética a partir das suas atas permitiria compor parcialmente a individualidade de alguns deles (caso já ocorrido em relação ao próprio Luís Canelo e a Gonçalo Soares da Franca) – do mesmo modo, aliás, como se fez relativamente a poetas da *Antologia Palatina*, ou, mais proximamente, da *Fênix Renascida* e do *Postilhão de Apolo*. Por valiosas que sejam essas empresas, não se há de esquecer que muita da poesia acadêmica é de autoria anônima, não sendo a individuação poética seu alvo principal. A contemporânea Academia dos Anônimos, de Lisboa, diga-se de passagem, declarava em seus estatutos o dever de “calar nas suas obras os seus nomes”.<sup>2</sup> Enfim, todos esses escritos – que existiam “em mãos particulares”, “por várias pessoas”, “em mãos dos curiosos”, “em poder dos curiosos”, ou, simplesmente, “pelos curiosos” – por princípio, eram peças singulares e de circunstância, às vezes isoladas de outras do mesmo poeta, mas respondendo a um mote proposto coletivamente, com destinação certa a uma dama, a um mecenas, um amigo, um inimigo, um acontecimento político, um sentimento, uma imagem religiosa, um edifício etc., podendo, inclusive, ser aplicadas por outrem a ocasiões assemelhadas. Não se pretendiam estabilizados pela imprensa, nem acorrentados a uma autoria unívoca; e, ao contrário, como reza a concepção poética do período, contrafaziam ou imitavam outras do mesmo gênero, razão da similitude genérica de tantos dos seus títulos: a umas saudades, a uma caveira, em sonetos, oitavas, epigramas. Não visavam tampouco ao estatuto de obra – apenas na medida em que a impressão implicava uma maior ostentação pública –, sendo consideradas impressas mesmo quando no interior de livro de outrem; e não expressavam uma individualidade poética, mantendo as indeterminações de autoria como intrínsecas à sua transmissão manuscrita, como, ao estudarem a poesia atribuída a Gregório de Matos, evidenciaram, revolucionariamente, J. A. Hansen e M. Moreira.<sup>3</sup>

Inversas, assim, surgem as posições do autor e do leitor dos escritos à mão, relativamente à do autor e do leitor dos livros impressos. Conceitos-chave das práticas letradas dos séculos XVI, XVII e XVIII – como sejam, a fatura coletiva da escritura como um todo (e, em particular, da construção poética, narrativa ou doutrinária), a instabilidade do escritor como individualidade, a dependência da impressão dos livros em relação aos patronos; a indeterminação dos escritos como “obra” entre os leitores pretendidos, a inserção desses escritos em gêneros pré-concebidos etc. – aparecem plenos na manuscritura, deixando paulatinamente de persistir na transmissão impressa. Esta, unificada e singularizada por um título e um autor na folha de rosto do livro de páginas numeradas, rejeita que se lhe acrescentem cadernos ou que se substituam as atribuições. No livro impresso, o leitor não passa de um “curioso leitor”: cuidadoso, mas anônimo. Na manuscritura, diferentemente,

---

1. Foram editados pela primeira vez por Francisco Adolfo de Varnhagen, no seu *Florilegio da Poesia Brasileira* (1850) e, recentemente, por J.A. Hansen e M. Moreira, *Para que todos entendais. Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 5 vols.

2. *Progressos acadêmicos dos Anónimos de Lisboa*. Lisboa: oficina de José Lopes Ferreira, 1718, “Advertência do Impressor aos Curiosos”, apud João Palma-Ferreira, *Academias literárias dos séculos XVII-XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982, p. 71.

3. J.A. Hansen; M. Moreira. *Para que todos entendais. Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra, vol. 5: Letrados, manuscritura, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

se o autor pode ser quase parte de uma produção coletiva, a anonímia do leitor a quem se destina está fora de questão. É ele que se exhibe como fim do discurso, é ele o juiz ou o espectador e, muitas vezes, o proprietário do escrito, em quem a eficácia das palavras ditas se conclui e por cujas mãos corre, ou é arquivado.

Por isso, tantas dessas obras escritas à mão – que existiam pelos curiosos, *et pour cause* –, desapareceram junto com seus leitores individualizados, quando não houve quem por elas zelasse. Muitas atravessaram de um lado a outro a costa atlântica, compondo a base do trono – para usar a metáfora do escritor da *História do Brasil*, o Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita. Já os nomes dos seus escritores ficaram registrados não por uma excelência inata, nem, ao invés, por obra do acaso, mas graças a um trabalho deliberado de concepção, compilação e arquivamento no âmbito da construção de uma *Biblioteca*, partícipe de uma Monarquia. Pelos poemas assinados nas sessões da Academia dos Esquecidos, pelos nomes registrados por Luis Canelo, pelos comentários do pe. Plácido Nunes ao compilador da *Bibliotheca Hispana e Lusitana*, d. Francisco de Almeida, podemos supor que os poetas eclesiásticos e seculares que em 1738 haviam florescido na cidade da Bahia orgulhavam-se de pertencer à “monarquia das letras” do reino de Portugal e a ela se congregavam, laborando escritos que contribuía para mutuamente enaltecê-la e a si próprios, da Província do Brasil.

Alguns desses catálogos produzidos para a Academia Real da História Portuguesa são redigidos com cuidado e passados a limpo por calígrafos, desejosos de fazer bela figura no Reino. É o caso do “Cathalogo de alguns Escritores desta Capitania do Grão Pará”, o “Memorial dos Religiosos escritores desta Provincia [Capucha da Imaculada Conceição de Nossa Senhora no Rio de Janeiro], filhos; e obras, que compuserão tanto em Prosa, como em verso”, a “Resposta aos interrogatorios impressos de como se há de dar noticia dos Authores, e dos livros impressos, e não impressos [da Índia]”, e este “Cathalogo do poetas que florecerao na Cidade da Bahia”. Em Lisboa, o trabalho de coleta desses domínios do Reino de Portugal, é aglutinado em códices manuscritos, como o 908, que um Acadêmico Real dispõe em prateleiras na sua livraria. Em aparente desordem, em que róis de autores do Brasil e da Índia são postos lado a lado em contiguidade e as listagens se superpõem, esses códices organizam-se todavia pelo fito do seu leitor reinol, que hesita acerca do modo de os ordenar, a fim de que não se perca a memória deles. Em todo o caso, sem desdenhar esses frutos provinciais, recebe-os como uma obrigação e uma prenda, junto com pedras de vazar, baunilhas e peneiros.

Por mostrar a V.S. que vim há pouco do certaõ, nesta occaziaõ dentro de hum caixilho, tomo a confiança de mandar essas tres pedras vazares: huma de Emas, e as duas de Anta, como se verá dos seos letreyros. Vaõ tambem essas dezoito vaynilhas, que nesta parte são raras. Vaõ mais esses cinco peneyros para servirem na livraria; se hé que na livraria de V.S. hé possível, que consintaõ pò o seo estudo, e exercicio effectivo.<sup>1</sup>

1. Carta de André de Figueiredo Mascarenhas – um dos poetas presentes no *Cathalogo* e também acadêmico dos esquecidos – a d. Francisco de Almeida Mascarenhas, enviada da Bahia em 28 de dezembro de 1740. *Documentos com informação bibliográfica de autores portugueses*, códice 7187 da BNP, op. cit., fl. 28. Agradeço à colega e amiga Isabel Almeida, da Universidade de Lisboa, a leitura prévia e precisas sugestões a este artigo. Devo a ela também a hipótese de que o termo “peneiro”, não dicionarizado, possa significar um conjunto de penas, a modo de um espanador, utilizado no Brasil para tirar o pó de livros e louças e, nesse sentido, enviado

||333r.|| Cathalogo  
dos Poetas que floreceraõ na Cidade  
da *Bahia*<sup>1</sup>

**A** Bernardo Vieira Ravasco, natural da Cidade da *Bahya*, pessoa nobre com o foro de Fidalgo, filho de Christovam Vieyra, e de D. Maria de Azevedo, Philosopho, e Theologo, primeiro secretario do Estado do Brazil, morreo no anno de 697, existem muitas obras suas poeticas por varias pessoas.

**A** Manoel Botelho, natural da Cidade da *Bahya*, pessoa nobre com o foro de Fidalgo, Philosopho, e Bacharel Formado em Leys, compoz hum livro, que se imprimio de quarto, intitullado Muzica do Parnazo, e varias outras obras, que existem em maõs particulares.

**R** Sebastiaõ da Rocha Pitta, natural da *Bahya*, pessoa nobre com o foro de Fidalgo, Academico Real, compoz o livro Historia do Brazil, que se imprimio de figura de folha, e *algumas* outras obras, e muitas *que* compoz na Academia que erigio o Conde de Sabugosa, sendo *ViceRey* do Brazil.

**A** Gregorio de Mattos, natural da *Bahya*, Bacharel Formado, *Thezoureiro* mor que foy da Se da *Bahya*. Compoz muitos versos vulgares em todo o metro que se achaõ ainda manuscritos em toda a pessoa curioza. Poeta engenhozo e Satirico.

**A** Pedro de Mattos *natural* da *Bahya*, Philosopho, e Theologo, homem engenhoso nos seus escriptos achamse em maõs dos coriozos *algumas* obras.

---

para ser usado na livraria de d. Francisco, por sua beleza e eficácia.

1. Este Cathalogo ocupa os fls. 333-336v do código 908 da Biblioteca Nacional de Portugal, intitulado *Documentos com informação biobibliográfica de autores religiosos portugueses*, como indicado na n.19. A transcrição aqui apresentada se pretende semidiplomática, com o único fim de dá-lo a conhecer aos interessados. Neste sentido, mantive a pontuação e a acentuação originais; desdobrei as abreviaturas, indicando em itálico as partes nelas suprimidas; mantive as maiúsculas e minúsculas conforme o original, bem como toda a ortografia, não efetuando qualquer correção; mas modernizei as fronteiras entre as palavras segundo a norma atual. Sublinhados e aspas correspondem aos do manuscrito. E, na medida do possível, mantive também a formatação presente nele.

||333v.|| **A** Frey Euzebio de Mattos natural da *Bahya*, Religiozo de Nossa Senhora do Monte do Carmo, engenhozo Poeta, e famoso Pregador; fora este Religiozo primeyro filho da *Companhia* onde foy Mestre, e ultimamente falleceo Religiozo Carmelitano, existem alguns dos seus sermões *que* se acharaõ, e algumas memorias dos seus versos, e sentenças.

**R** Gonçalo Ravasco Cavalcanty e Albuquerque, natural da Cidade da *Bahya*, pessoa nobre com o foro de Fidalgo, filho do primeiro secretario do Estado, e secretario *que* foy tambem do Estado do Brazil, compoz varias poezias vulgares *que* se achaõ em maõs de curiozos, falleceo no anno de 725.

**A** Gabriel Vieyra natural da *Bahya*, Philosopho compoz varias obras que se achaõ em manuscriptos em mam dos curiozos.

**A** O Padre Gonçalo Soares da Franca natural da *Bahya*, pessoa nobre filho de Luiz Barbalho de Negreiros servio trez vezes de Vereador do Senado da Camara da Cidade, antes de se ordenar, Philosopho, e Theologo, Academico Real, compos o Poema Brazilica, que com a sua morte se não sabe onde exista, obra engenhoza, compoz muitos sermões que se achaõ manuscriptos, varias obras vulgares para a Academia que fundou o Conde de Sabugoza, em cuia mam existem todas as obras.

**A** O Pe. Joaõ *Alvarez* Soarez natural da *Bahya*, pessoa nobre com o foro de Fidalgo, Philosopho, e Theologo, antes de se ordenar foi capitaõ dos Estudantes da Cidade da *Bahya*, e depois de Infantaria da guarnição da Praça, filho de Rafael Soares da Franca, servio duas vezes no Senado da Camara da *Bahya*, compoz varios sermões que existem manuscriptos, e algumas obras vulgares, como Loas, Romances, e outras de toda a variedade com muito genero de erudição.

||334r.|| **R** Paulo da Costa Brandaõ natural da *Bahya*, Philosopho e Bacharel Formado, Conego que foy da Se da *Bahya* compoz varias obras vulgares que se achaõ na maõ dos curiozos.

**A** Joaõ de Almeyda Tellez e Minaya natural da *Bahya*, Philosopho e Bacharel Formado, e ordenandose foy vigario da *Freguesia* do Monte, compoz Loas, varios sonetos e decimas, e outras obras vulgares que se achaõ por maõ de curiozos.

**R** Francisco Pinheyro Barreto Bacharel Formado natural da *Bahya* vigario que foy da *Freguezia* de S. Pedro na Cidade da *Bahya* e depois conejo da Se da *Bahya*, compoz varios sonetos e romances que se achaõ nas maõs dos curiozos, e muitas obras para a Academia que fundou o Conde de Sabugosa, em cujo poder se acharaõ em manuscriptos.

A João de Britto e Lima, pessoa nobre natural da cidade da Bahia filho do Thenente General Sebastião de Arahujo e Lima Alcaidemor que foy da Cidade da Bahia, e de D. Anna Maria da Sylva, nasceo no anno de 671, servio trez vezes no Senado da Camara da Bahia, Capitaõ que foy dos Auxiliares, ainda vive, compoz hum carmen com cento e trinta oytavas dizcripção das festas Reaes nas regias vodas dos Serenissimos Principes de Portugal e Castella intitullado, Poema Festivo, que mandou Sua Magestade imprimir pelo seu impressor. Compoz mais outro poema intitullado Applauzos natalicos em figura de quarto *que* tambem se imprimio ao nascimento do Neto do Marquez do Angeja sendo *Vicerey* do Estado do Brazil. Compoz outro Poema com mil e quinhentas oitavas, que existe manuescripto em sua mão intitulado “A Cezarea” em que descreve a vida e açções do Conde de Sabugoza: Varios Carmes a diversas materias *que* existem por maos de curiozos. Muitas obras para a Academia do Conde de Sabugoza. Muitas obras em varios metros ||334v.|| para o livro que compoz Luiz Canello de Noronha com o *titulo* de Pompas Funeraez, descripção das Exequias que se fizeraõ na cidade da Bahia e seu Reconcavo a Senhora Dona Marianna de Lancastre may do Conde de Sabugoza. Tem composto mais de sincoenta Loas, *humas* aos annos de Sua Magestade e outras a varios assumptos, e muitos bailes assim Castelhanos como Portuguezes, e varias obras de arte menor *que* existem nas mãos dos curiozos.

**R** Manoel de Mattos de Viveyros natural da Cidade da Bahia, Medico, compoz varios sonetos, e outras obras que existem em maos dos curiozos.<sup>1</sup>

**R** Diogo Pereira da Sylva natural da Bahia, filho do Doutor Manoel de Mattos de Viveiros, compoz varios sonetos, e outros versos que se acham na mão dos curiozos. Fazia Academias em sua caza com sumptuozidade e gasto.<sup>2</sup>

Luiz Canello de Noronha<sup>3</sup> pessoa nobre natural da Villa nova Real do Arcebispado da Bahia, filho de Francisco *Fernandez* Canello, e de D. Francisca de Noronha,

---

1. Médico, físico-mór official, membro da Câmara da Baía em 1693, casou-se com d. Francisca da Silva em 8 de fevereiro de 1679. Foi detentor do cargo de médico do presídio da Bahia, o qual deixou em 1695. No Projeto resgate – Bahia – com data de 12 de Novembro de 1681, consta uma “Consulta do Conselho Ultramarino sobre Manuel de Matos de Viveiros, médico da cidade da Bahia, dono de casas nobres, no sítio de Destêro, a mais de 100 braças do convento dos capuchos de Santo Antônio que se queixa de que pretendendo fazer obras, aqueles religiosos lhe fizeram uma assuada e motim, com armas e escravos, e lhe entraram em casa.”

2. Diogo Pereira foi o quarto dos seis filhos de Manuel de Matos e d. Francisca, casado com Leonor Josefa Sutil de Menezes. Tanto ele como seu pai (bem como a maior parte dos escritores deste “Cathalogo”), estão ausentes do *Dicionário de Autores no Brasil Colonial*, de Palmira Morais Rocha de Almeida (29 ed., Lisboa: Colibri, 2010), não obstante ser este um cuidadoso instrumento de pesquisa.

3. À margem, em outra letra, atribuível ao pe. Plácido Nunes: “He o author deste catalogo e passa por versificador”. Barbosa Machado, reproduz quase inteiramente as informações que o próprio Luiz Canello de Noronha fornece de si, salvo que, onde diz de Luiz Canello “Diversas poesias a varios assumptos que podem formar hum volume de justa grandeza”, o próprio diz: “Muitas obras de varios metros” etc.

nasceo no anno de 689, Philosopho e Theologo, Capitaõ dos Estudantes da Cidade da *Bahya*, Vereador que foy do Senado da Camara da mesma Cidade compoz hum livro intitullado “Pompas Funeraes” as Exequias que se fizeraõ na cidade da *Bahya*, e seu Reconcavo na morte da Senhora *Dona Marianna de Lancastre May* do Conde de Sabugoza, Vice Rey que entaõ era do Estado do Brazil, em cuja mam existe este livro manuscrito. Mais compos oitenta e seis Loas aos annos de El Rey, e festas Reaes das Vodas dos Serenissimos Principes de Portugal, e Castella, e quantidade de Bayles de toda a sorte. Muitas obras de varios ||335r.|| metros a Academia erecta pelo Conde de Sabugoza. Quantidade de sonetos a varios assumptos, dos quaes alguns se achaõ impressos e outros por maõs dos curiozos, e muitas obras em Romances, Decimas, e outras da arte menor.

**R** Ioam Dantas natural da *Bahya*, filho de Domingos Dantas de Araujo, compoz varias obras de sonetos, Decimas, e Romances, que se achaõ pelos curiozos.

**R** Jozé de Oliveira Serpa natural da *Bahya*, Philosopho, compoz varias loas, sonetos, Decimas, e outros versos da arte menor *que* existem pelos curiozos e muitas obras *para* a Academia erecta pelo Conde de Sabugoza.

**R** O Padre Antonio de *Oliveira*, Philosopho, e Theologo tem composto varios sermões dos quaes alguns se achaõ impressos. Item muitos sonetos, e varias castas de versos que se acham nos curiozos, e tambem muitos versos de toda a sorte *para* a Academia do Conde de Sabugoza.

**R** Thomé Monteiro de Faria natural da *Bahya*, Capitaõ de Infanteria da Guarniçaõ da Praça da *Bahya* compoz varias obras em metro, que *algumas* se acham impressas, outras existem em poder dos curiozos.

**R** Manoel de Medeiros Maya natural da *Bahya*, Mestre em Artes compoz hua comedia intitullada “La Creacion del Mundo” que existe manuescripta em seus herdeiros, e toda a variedade de metros em varios assumptos.

**A** Frey Agostinho Religiozo de Nossa *Senhora* do Monte do Carmo natural da *Bahya*, compoz quantidade de bailes, e *algumas* Loas, e muitas obras de toda a variedade de metros.

||335v.|| **R** Frey Jozé de S. Anna Religioso de Nossa *Senhora* do Mõte do Carmo compos varios sonetos, Decimas e Romances *para* a Academia do Conde de Sabugoza, e *algumas* obras *que* existem *pelos* curiozos.

**R** Antonio Lopes de Ulhoa, natural da Cidade da *Bahya*, filho do Capitão Jozé Lopes de Ulhoa, Provedor mor que foy da Fazenda Real do Estado do Brazil, Mestre em Artes, compoz varias obras na Academia de Diogo Pereyra que existem na mam de seus herdeiros, e varios sonetos, Decimas, e Romances que existem pelos curiozos. Falleceo aos 6 de *Dezembro* de 1728.

**R** Jorge da Sylva Pirez natural da Cidade da *Bahya*, Mestre em Artes, compoz varios sonetos, e Decimas, a *differentes* assumptos e tambem para a Academia do Conde de Sabugosa.

**A** Andre de Figueiredo Mascarenhas, pessoa nobre, natural do Reconcavo da *Bahya*, filho de Manoel de Figueiredo Mascarenhas, Filosofo, e Theologo, hoje existe sacerdote do habito de Saõ Pedro, foy hum dos quatro Lentes da Historia do Brazil.

O dito assima compoz para a *sobredita* Historia do Brazil na Academia do Conde de Sabugoza varios sonetos, Tercetos, e outra sorte de versos, já existem algumas obras suas impressas laudatorias.

**A** Joaõ de Figueiredo Mascarenhas pessoa nobre, *natural* do Reconcavo da *Bahya*, filho de Manoel de Figueiredo Mascarenhas, Filosofo compoz varios sonetos, Decimas, e Romances para a Academia do Conde de Sabugoza, e outras obras *que* existem nos curiozos.

**A** Jozé de Figueiredo Mascarenhas natural ||336r.|| do Reconcavo da *Bahya*, pessoa nobre filho de Manoel de Figueiredo Mascarenhas, compoz varios sonetos, Decimas, e Romances que existem nos curiozos.

**R** Jeronimo *Rodriguez* de Crastro natural da *Bahya* compoz *hum* livro de novellas em prosa e verso que existe em poder de seus herdeiros. Compoz muitos sonetos, Decimas, e Romances na Academia de Diogo Pereira da Sylva, e outros que existem em poder de curiozos.

**R** Luiz Serra natural da *Bahya* Bacharel Formado em Leys, compoz varios sonetos, Decimas, Romances, que existem manuscriptos em poder de curiozos.

**R** Jozé Pereira Manojó natural da Cidade da *Bahya*, filho de Joaõ Pereira Manojó, Bacharel Formado em Leys, tem composto varios sonetos a diversos assumptos, e *algumas* obras da arte menor.

**R** Jozé de *Oliveira* Telles natural da Cidade da *Bahya*, filho de Fernando de *Oliveira* tem composto muitos sonetos, e varias outras obras em varios metros *que* existem em

poder de curiozos.

**R** João Borgez natural do Reconcavo da *Bahya*, pessoa nobre *filho* do Coronel Domingos Borges de Barros, Bacharel Formado, sacerdote do hábito de S. Pedro, Conego da Se da *Bahya*, tem composto alguns Poemas heroicos que existem em sua mam e varias obras em metro *que se lem* pelos curiozos.

**R** Manoel *Ferreira* da Luz natural da Cidade da *Bahya* sacerdote do hábito de S. *Pedro*, Bacharel Formado, Vigario *que foy* da *Freguesia* do Desterro da Cidade da *Bahya*, compoz varias obras em sonetos, Decimas, e Romances, e ja algumas destas se acham impressas.

||336v.|| **R** Nuno Marques da Sylva natural da *Bahya*, compos o livro intitulado Peregrino da America *que se imprimio*, a figura he de quarto; e algumas outras obras em manuescripto.

**R** Pedro Soares da Sylva, natural da Cidade da *Bahya*, Filho de Joam Soares, sacerdote do habito de S. Pedro, compoz varios sonetos, Decimas, e Romances, *que existem* em poder dos curiozos, falleceo no anno de 1737.

**R** Frey Henrique de Souza Freyre Religiozo de Nossa *Senhora* do Monte do Carmo, tem composto *quantidade* de Sonetos, Decimas, e Romances a varios assumptos *que existem* em poder dos curiozos.

**R** Francisco Fragozo de Ulhoa natural da *Bahya*, compoz hum poema que existe em seu poder com o titulo de “Gloria do Mundo Sonhada” em oitavas rimas, e algumas outras obras.

### Referências bibliográficas

ACADEMIA REAL DA HISTÓRIA PORTUGUESA. *Livro Primeyro em que se haõ de lançar o decreto de Sua Magestade da Instituição da Academia, os seus Estatutos, e todas as ordens, e resoluçoens do mesmo Senhor*, ms. BNP, cód. 684.

ALMEIDA, Palmira Morais Rocha de. *Dicionário de Autores no Brasil Colonial*. Lisboa:Colibri, 2010. 29 ed.

AMARAL, Prudêncio. S. J. *De sacchari opificio carmen*. Pesaro: Tip. Amatina, 1780.

- BARBOSA MACHADO, Diogo. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Off. Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759. 4 vols.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Português e Latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 vols. + 2 supl.
- CARVALHO, José Adriano de F. “La formación del Parnaso português en el siglo XVII. Elogio, crítica e imitación”. *Bulletin hispanique*, t. 109, n° 2, déc. 2007, pp. 473-509. Université Michel de Montaigne, Bordeaux.
- CATALOGO da Livraria que ficou por fallecimento do Excelentis. e Reverend. Senhor Principal D. Francisco de Almeyda Mascarenhas. [S.l.: s.n., depois de 1745]
- COLECÇAM dos documentos estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza, Lisboa: off. de Pascoal da Silva, 1721. vol. 1.
- CORDEIRO, Jacinto. *Elogio de Poetas lusitanos, al Fenix de España, Fr. Lope de Vega Carpio, en su Laurel de Apolo. Por el Alferes..., con una carta en respuesta al Autor, del mismo Fenix de España*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1631.
- CORDEIRO, Jacinto. *Elogio de Poetas lusitanos*. Introd. e notas Maria Lucília Gonçalves Pires. Porto: Afrontamento, 2017.
- CURTO, Diogo Ramada. “Cultura letrada no século do Barroco (1580-1720)”. In: João Luís Ribeiro Fragoso; Maria de Fátima Gouvêa (orgs.). *O Brasil Colonial* [recurso eletrônico]: vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. cap. 8.
- DOCUMENTOS com Informação Bibliográfica de Autores Portugueses, ms. BNP, cod. 7187. [1737- 1740]
- DOCUMENTOS com informação Biobibliográfica de autores religiosos portugueses, ms BNP, cod. 908. [1736-1741]
- DOMINGOS, Manuela. “Erudição no tempo joanino: a Livraria de D. Francisco de Almeida”. *Leituras – Revista da Biblioteca Nacional* (Lisboa), série 3, n. 9-10, out. 2001-out. 2002, pp.190-219.
- FREIRE, Francisco José. *Elogio do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Francisco de Almeida Mascarenhas*. Lisboa: Off. de Ignacio Rodrigues, 1745.
- HANSEN, J.A.; Moreira, M. *Para que todos entendais. Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 5 vols.
- LACHAT, Marcelo. *A lírica amorosa seiscentista: poesia de amor agudo*. Tese de doutorado, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Literatura Portuguesa. FFLCH-USP, São Paulo, 2013.
- LEITE, Serafim. “Geórgicas brasileiras”. *Verbum* [Separata]. Rio de Janeiro, t. 3, fasc. 1, mar. 1946.
- LEITE, Serafim. *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil, 1549-1760*. Braga: Liv. A.I., imp., 1993.
- LOPE DE VEGA Cárpio. *Laurel de Apolo*. Madrid: Juan González, 1630.
- LUZ, Guilherme Amaral. “A *oikonomia* do engenho ou o engenho da *polis* cristã: Prudêncio Amaral, Antonil e o açúcar”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses* 28 (40), 81-94, 2009.

Belo Horizonte.

MASCARENHAS, Jozé Freyre Monterroyo. *Gazeta de Lisboa*. Lisboa: Off. Pascoal da Silva, 1715-1833.

MELO, Francisco Manuel de. *Cartas familiares*. Ed. Maria da Conceição Morais Sarmento. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.

MUHANA, Adma. “Memórias de escritores do Brasil na Academia Real da História Portuguesa”. *Teresa*. Revista de Literatura Brasileira, 19, São Paulo, 2018, 115-132. USP.

*NOTÍCIAS de alguns autores portugueses*, ms. BNP, cód. 625. [depois de 1721]

PALMA-FERREIRA, João. *Academias literárias dos séculos XVII-XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.

PALOMO, Federico. “Conexiones atlánticas: Fr. Apolinário da Conceição, la erudición religiosa y el mundo del impreso en Portugal y la América portuguesa durante el siglo XVIII”. *Cuadernos de Historia Moderna*, 2014, Anejo XIII, 111-137.

*PROGRESSOS acadêmicos dos Anónimos de Lisboa*. Lisboa: off. José Lopes Ferreira, 1718.

SÁ, Artur Moreira de. Índice dos livros proibidos em Portugal no século XVI. Lisboa: INIC, 1983.

*SAUDADES de Lydia e Armido, Compostas por Bernardo Vieira e Ravasco*, ms. BNP, cód. 254, n. 3.

SEVERIM DE FARIA, Manuel. *Discursos varios politicos*. Évora: imp. por Manoel Carvalho, impressor da Universidade, 1624.

SILVA, José Soares da. *Memórias para a História de Portugal que comprehendem o governo del rey d. João o I*. Lisboa: off. Joseph António da Silva, 1730-1734. 4 vols.

SOARES, João Álvares. *Progymnasma Literario, e Thesouro de erudiçam Sagrada, e Humana, para enriquecer o animo das prendas, e a Alma das virtudes...* Lisboa: off. da Música de Teotónio Antunes Lima, 1737.

SOARES, João Álvares. *Sermaõ da Gloriosa S. Anna Mãe de Maria SS. Senhora Nossa, na festa, que lhe consagraõ os moedeiros na Cathedral da Cidade da Bahia...* Sacerdote do Habito de S. Pedro. Lisboa: off. Augustiniana, 1733.

TOPA, Francisco. *Um G(Onç)Alo Renascido: Poesia inédita do brasílico Gonçalo Soares da Franca*. Porto: SPC - Sombra Pela Cintura, 2012.

UBIALI, Nelson Attilio. *Luís Canelo de Noronha, poeta novilatino, no contexto do 'corpus' da Academia Brasílica dos Esquecidos (Bahia – 1724/1725)*. Tese de doutorado em Letras. Assis: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 1995, 3 vols.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da Poesia Brasileira, ou Collecção das Mais Notaveis Composições dos Poetas Brasileiros Fallecidos, contendo as biographias de muitos d'elles*. Lisboa: Imp. Nacional, 1850-1872. 3 vols.